

## Xica vive na fumaça!



Fonte: portal.trt23.jus.br

*Quem tem medo de Xica Manicongo?* é o título do samba enredo da escola carioca Paraíso de Tuiuti, que desfilou este ano fazendo uma bela homenagem à personagem real que afrontou a velha ordem colonial imprimindo, com veemência, sua identidade e vontade.

Xica Manicongo, primeira mulher trans não indígena do Brasil, foi sequestrada na região do Reino do Congo e trazida ao Brasil como escravizada na segunda metade do século XVI. Tendo sido batizada com o nome de Francisco, passou a viver em Salvador, onde era constantemente vista adornando tecidos coloridos amarrados junto a seu corpo.

A atitude de vestir-se com trajes femininos e os boatos que apontavam ser Francisco um “sodomita” causaram a indignação de um cidadão cristão, chamado Matias Moreira, que a denunciou ao Santo Ofício da Inquisição, dando início a um processo de perseguição manifestamente transfóbico.

O teor da acusação, descrito nos documentos de arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, fontes de pesquisa do antropólogo Luiz Mott, revelaram que o incômodo provocado pela presença do corpo negro travesti na cristandade do Brasil

colonial era reconhecido como crime de lesa majestade, sendo, por isso, passível de punição com a pena de morte na fogueira.

Assim, Xica, vigiada e perseguida, tentou adequar-se aos padrões religiosos e morais daquela sociedade se vestindo, às vezes, com trajes destinados ao gênero masculino. Entretanto, sendo uma quimbanda, não poderia suprimir seu caráter voluntarioso, não existindo *“lei que o condene como não há ação que não lhe seja permitida. Portanto, fica sempre sem castigo, embora abuse sem embaraço de sua impudescência, tão grande é a estima que por ele o demônio inspira!”*

Não obstante, sem temer as ameaças, a personagem audaciosa e livre entoou seu grito de resistência na avenida: *“Vim da África Mãe, ê-ô/Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha/Kimbanda me fiz, nganga é raiz/Eu pego o touro na unha (...) Só não venha me julgar/Pela boca que eu beijo/Pela cor da minha blusa/E a fé que eu professar/Não venha me julgar/Eu conheço o meu desejo/Este dedo que acusa/Não vai me fazer parar”*.

Esses versos, cuja autoria é do historiador Cláudio Russo, foram elaborados a partir de um processo criativo bastante interessante, que abrange o relato oriundo da pesquisa histórica, ofício do carnavalesco compositor, e a narrativa obtida através da experiência de vida.

Russo, em entrevista ao vivo concedida ao jornalista José Eduardo Bernardes, do Brasil de Fato, em 4 de março deste ano, afirmou ter frequentado um terreiro de catimbó e quimbanda com o objetivo de obter informações que o auxiliassem na composição do samba enredo.

Na gira, encontra a entidade Maria da Praia, que diz que Xica Manicongo correspondia a uma *Ideia*, não podendo, portanto, ter sua vida

meramente relatada como um evento histórico cronológico.

O compositor conversa também no terreiro com Bruna Maia, mulher trans que relata inúmeros episódios de preconceito e violência, atitude cotidiana empreendida por olhares inquisidores, que insistem em enquadrar os corpos trans nos parâmetros binários.

Desse modo, o autor de *Quem tem medo de Xica Manicongo?* estabelece uma fusão entre o relato espiritual e o relato real, produzindo uma poesia permeada por um ativismo mágico extraordinário: “*Eu sou/A bicha, invertida e vulgar/A voz que calou o sistema/A bruxa do conservador/O prazer e a dor/Fui pombogirar na Jurema/Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha/As perseguidas na parada popular/E a Mavambo reza na mesma cartilha/Pra quem tem medo o meu povo vai gritar/Eu travesti/Estou no cruzo da esquina/Pra enfrentar a chacina/Que assim se faça/Meu Tuiuti/Que o Brasil da terra plana/Tenha consciência humana/Chica vive na fumaça.*”

Por fim, Xica acaba sendo morta na fogueira e, séculos depois, o Brasil continua a matar uma pessoa LGBTQIAPN+ a cada 34 horas, colocando o país na primeira posição do ranking mundial nesse tipo de crime.

Portanto, a mensagem de Xica Manicongo deve sempre ser enfatizada, e trazê-la através da simbologia do carnaval popular inscreve a cultura negra, trans e periférica como elementos inequívocos de resistência. ★

1. Luiz Mott, *Raízes Históricas da Homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro*. *Afro-Ásia*, 33, 2005, p. 9-33

**Anselma Garcia de Sales**, professora e militante do PT e da AE em Campinas/SP



## É possível uma mediação com as igrejas neopentecostais?



Fonte: brasil247.com

No mês em que é celebrada a Páscoa e a ressurreição de Cristo pelos cristãos, cabe refletirmos sobre os desdobramentos da expansão das igrejas neopentecostais no território brasileiro. Seja na área urbana, a cada esquina, ou por menor que seja uma cidade na área rural, é praticamente impossível no Brasil de 2025 não encontrarmos uma unidade de igreja evangélica.

Segundo dados do censo do IBGE de 2022, existem mais templos religiosos no país do que a soma de unidades de saúde e estabelecimentos de ensino juntos. Esse dado é importante porque demonstra, em primeiro lugar, a principal ferramenta de organização das massas populares orientadas pela teologia da prosperidade e do domínio, duas concepções que (des)enrolam-se na ideologia neoliberal. O dado aponta, por outro lado, como o Estado brasileiro foi desmantelado a ponto de que a própria população recorra irrefletidamente ao acolhimento prestado pelas igrejas evangélicas, ao invés de procurar pelo serviço público que deveria prestar um atendimento profissional e especializado, seja de saúde, de assistência social ou da educação.

As igrejas evangélicas têm sido, em geral, a primeira porta para quem não quer se deixar sucumbir pelo adoecimento mental e/ou uso abusivo de drogas num contexto de aprofundamento da precarização das condições de

vida da classe trabalhadora. Infelizmente, desde o golpe contra a presidenta Dilma a política de saúde mental passa por um desmonte tanto do ponto de vista de orçamento quanto de concepção, em que a extinção da Política de Redução de Danos em 2019 escancara o retrocesso da Reforma Psiquiátrica e a retomada da política de internação.

Assim como ocupa um espaço vago deixado pelo Poder Público e pela falta de atuação política da esquerda no que tange o acesso à saúde, também vemos a força da igreja evangélica na disputa de outros espaços de poder, como os conselhos tutelares e as representações nos conselhos responsáveis pelo controle social dos serviços públicos. Cada vez mais, por todos os cantos, vemos assentar as ideias e os valores difundidos amplamente pelas igrejas cristãs neopentecostais, de forma organizada e radical.

É tênue e questionável a linha em que se equilibra a militância de esquerda disposta a dialogar com os setores à esquerda que frequentam igrejas evangélicas. Às vezes o recuo para conseguir dialogar pode ser muito grande, então é preciso atentar para o quanto pretendemos esconder o que somos e as bandeiras de lutas coletivas que foram travadas historicamente para garantir o mínimo de dignidade, avaliando inclusive se vale mesmo a pena uma mediação no sentido do rebaixamento das nossas pautas para não causar desconforto entre evangélicos de esquerda.

Ao nos depararmos com tamanha organização para planejar e executar um projeto de sociedade como fazem os evangélicos, precisamos refletir com seriedade a respeito do setor minoritário entre os evangélicos que se identifica como esquerda ou simplesmente vota no PT e no Lula, mas que reproduz indiscriminadamente todos os pensamentos fundamentados no preconceito e opressão contra a diversidade, atingindo as populações indígenas, negra, LGBTQIA+, mulheres da classe trabalhadora.

O que está nítido é que do lado de lá a estratégia é radical, orgânica e bem operacionalizada. Portanto, a única alternativa do lado de cá para dar conta de fazer o enfrentamento é apresentando a nossa estratégia igualmente radical e bem organizada, através da qual construiremos uma sociedade verdadeiramente igualitária, onde o amor que tanto é pregado pelas igrejas seja respeitado na sua diversidade e que todas as pessoas possam viver dignamente da forma que são.

Uma sociedade em que a vontade do povo é soberana, em que o Estado responde às demandas e garante justiça e direitos à população, é uma sociedade em que as igrejas evangélicas pouco a pouco perderão o sentido e a força que demonstram ter na organização social hoje. ★

*Alana Gonçalves, militante do PT e da AE Porto Alegre/RS*

## Valter Pomar, presidente nacional!

Os próximos meses, até o dia 6 de julho, quando ocorrerão as eleições para o Processo de Eleições Diretas (PED), serão de extrema importância para o conjunto da militância petista, e ainda mais importantes para os amplos setores que entendem que o Partido precisa urgentemente mudar seus rumos.

Para aqueles e aquelas que acreditam que o PT precisa: **1.** Voltar a ser um partido de todos os anos, e do ano todo; **2.** Recuperar a confiança e se reconectar com a classe trabalhadora a partir da organização profundamente enraizada na base social; **3.** Voltar a ter a clareza de que governo é governo, partido é partido, e que ser governo é apenas uma etapa para aquilo pelo que realmente lutamos, que é o poder nas mãos da classe trabalhadora, para a construção de um Brasil Socialista.

Para todos esses, a opção é uma só: **Valter Pomar, presidente nacional!** ★